

## MODOS DE PENSAMENTO, MÍDIAS HIPERTEXTUAIS E FORMAÇÃO ESCOLAR<sup>1</sup>

Antonio Carlos Soares deAlbuquerque <sup>2</sup>

Mariana Pricilia de Assis <sup>3</sup>

Aparecida Barbosa <sup>4</sup>

### RESUMO

Neste artigo trazemos uma discussão sobre o modo de pensamento narrativo e o cartesiano, buscando compreender os comportamentos linguísticos dos estudantes universitários que produzem textos considerados não academicamente adequados tanto nas tecnologias móveis, quanto nas tecnologias estáticas-cadernos, apostilas, livros, lousa –, que a cultura escolar, a fôrma cartesiana, determina que deve prevalecer. Reconhece-se que a legitimação da academia não ocorrerá de forma imediata, mas é inegável que deva começar pelas mudanças de atitudes dos professores universitários e não por decretos ou reformas nos projetos político-pedagógicos dos cursos, uma vez que já contemplam a possibilidade de mudanças de atitudes dos professores universitários quando abordam a questão da autonomia. O texto adequado academicamente é altamente planejado, resultado de uma leitura de mundo de base estritamente cartesiano, regida, portanto, pelo modo científico de pensamento. Por esse motivo, é possível afirmar que a leitura de mundo de forma cartesiana antecede a produção do texto acadêmico.

**Palavras-chave:** Comportamentos Linguísticos, Jovem Universitário, Modos de Pensamento.

### INTRODUÇÃO

Neste artigo trazemos a concepção de Senna (2007), sobre os modos de pensamento narrativo e cartesiano, com os quais se estabelece uma confluência entre esses modos de pensamento com os múltiplos comportamentos linguísticos dos jovens contemporâneos, cuja gênese se dá nas mídias hipertextuais-suportes digitais, as quais provocaram profunda transformação das linguagens, afetando os modos de ser, pensar e agir desses jovens.

---

<sup>1</sup> Resultado de Pesquisa do curso de Pós Graduação em Educação pelo Progrma PROPED pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Arquiteetur da Universidade ESUDA, antonio Soares@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda pelo Progrma de Pós Graduação em Ensino PPGE da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, maryeduca93@gmail.com

<sup>4</sup> Doutora pelo Progrma de Pós Graduação PROPED da Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ.

Este artigo pretende compreender a importância dos modos de pensamento que influenciam o modo de leitura e escrita do leitor contemporâneo.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi desenvolvida com a finalidade de: (a) caracterizar no texto produzido por alunos da UERN/CAMEAN a confluência entre os modos de pensamento narrativo e científico, impactados pelas mídias hipertextuais; e, a partir das análises realizadas por mim, (b) descrever um conjunto de propriedades que demonstrassem a interferência da cultura hipertextual sobre a produção de textos universitários considerados não adequados segundo as prerrogativas do gênero discursivo acadêmico.

Este estudo investigativo se dividiu em duas etapas. A primeira é relativa a uma definição das categorias de análise que permita interpretar e avaliar os modos de pensamento e sua confluência na produção textual dos alunos da universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *campus* Pau dos Ferros, Alto Oeste Potiguar. Na segunda etapa, já com base nas categorias, promove-se a análise da produção textual contida no *corpus* deste trabalho.

A pesquisa é baseada na matéria escrita a partir dos contextos vividos na sala de aula por alunos dos cursos de Licenciatura em Geografia, Enfermagem e Pedagogia da UERN, *campus* Pau dos Ferros. Este *campus* é significativo do ponto de vista científico, uma vez que é possível fazer generalizações sobre o perfil de escrita encontrada nos textos dos sujeitos desta pesquisa e sua frequência.

Esta pesquisa é bibliográfica segundo Lakatos (2003), é uma consulta de obras de autores que estudam a temática.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O modo de pensamento cartesiano é inspirado/estruturado no modo de cultura moderna e na figura do sujeito cartesiano, dessa forma, pode ser chamado de pensamento cartesiano.

Adota-se para este estudo a ideia de Bruner (2001), da existência de dois modos de pensamento, científico e narrativo, cada qual com características, próprias que ordenam o tipo de experiência que demandará seu uso. Como afirmado, os modos de pensamento são diferentes entre si, a existência de um não faz o outro deixar de existir e, de acordo com as características de cada um, são complementares.

Entretanto, a pessoa escolhe a melhor forma de entender a realidade, elegendo por vezes um modo para cada situação ou apenas um modo para todas. O modo de pensamento escolhido para lidar com as experiências modifica a forma com que acontecem e também os usos que se fazem para resolução das situações que a vida impõe.

É na ótica dos modos de pensamento que se embasa este estudo sobre a mobilização do pensamento de acordo com as circunstâncias do momento que o sujeito vivencia no contexto sociointeracionista, e por que não dizer sociotecnológico e sociocultural, que faz com que o sujeito construa uma identidade inserido em um mundo que constantemente cria e recria a identidade, mudando o comportamento humano, o modo de apreender e ensinar, sendo, então, os valores da cultura de um povo substituídos por novas crenças.

O termo hipertexto tem relação com interações não verbais, visuais. Landow (1992) ora usa o termo hipertexto, ora hiperímia. Neste estudo, estendemos a interconectividade entre o hipertexto- produzido a partir de suportes midiáticos-e o texto - produzido a partir de tecnologias estáticas, ambos compõem os discursos e as produções textuais contemporâneos.

As mídias hipertextuais fazem parte do cotidiano dos jovens contemporâneos, e o termo hiperímia:

[...] simplesmente estende a noção de hipertexto, incluindo informação visual, sons, animações e outras formas de dados. Partindo do pressuposto de que o hipertexto ligue uma passagem de discurso verbal a imagens, mapas, diagramas e sons com a mesma facilidade que em relação a outras passagens verbais, Landow expande a noção de texto para além do âmbito meramente verbal – e não distingue os sentidos. (LANDOW, 1992, p. 1).

O hipertexto pode ser caracterizado como um modo de formulação de textos, a partir de diversas tecnologias, estáticas ou móveis, numa *hibridização de tecnologias e de linguagens*.

Nesse hibridismo de linguagens, as produções textuais se aproximam de um modo de pensamento narrativo, desconstruindo as narrativas tradicionais e sua ideia de unidade, construindo narrativas não somente pela associação por contiguidade, mas por similaridade.

O hipertexto permite associações de informações, com o intuito de deixar o texto claro. O autor do hipertexto se movimenta entre livros, tablets e smartphones com o intuito de produzir um texto próprio, de sua autoria, ainda que precise de informações que vai buscar nos suportes estáticos ou midiáticos com o objetivo de organizar o pensamento, transformando-se em coautor daquilo com que interage.

Diante disso, Rodrigues (2003) enumera três objetivos que correspondem à concepção de mundo identificável na história da civilização:

- 1) O primeiro categoriza a ótica - em que o mundo e os acontecimentos diversos, são vistos de diferentes formas (óticas) e sobre os quais os indivíduos fazem um ordenamento;
- 2) O segundo corresponde a unificar culturalmente um povo procurando laços que assegurem a permanência dos indivíduos sob a mesma relação de poder e identidade;
- 3) No terceiro cria um modo de explicar e ordenar os acontecimentos bem como unificar os indivíduos numa mesma relação. A concepção de mundo se torna apta a estruturar a vontade coletiva para o desenvolvimento das ações que compõem os fatos históricos de um povo.

A velocidade dos acontecimentos cotidianos é rápida, e assim o mundo se transforma para atender às necessidades que surgem todos os dias. É nessa ótica de pensamento que o sujeito que antes permanecia calado inerte dentro das instituições acadêmicas e escolares mudou, bem como os modos de apreender e expor textos. Assim, esse sujeito transita em múltiplos espaços, é a encantadora descoberta do sujeito do hipertexto; que uma hora usa o modo de pensamento narrativo e outra hora o modo científico, mas os dois modos se intercomplementam, só que em circunstâncias de vida distintas.

Os modos de pensamento na contemporaneidade sofrem grande influência das mídias hipertextuais, que, por sua vez, influenciam os modos de pensamento (SENNA, 2007; BRUNER, 1991, 2001), são vias de mão dupla. Ainda que não tenham uso limitado, pois cada pessoa usa a tecnologia da forma que lhe convier, algumas tecnologias dão mais suporte ao sujeito científico pelas características próprias, já outras tecnologias atendem melhor ao sujeito narrativo.

A narrativa não é constituída apenas pelo aspecto verbal, mas a forma e a linguagem cooperam na produção textual:

A exploração da materialidade do meio com recursos gráficos, sons, imagens, dimensão cinética, fragmentação de textos, incluindo a ação do leitor, contribui para os efeitos de sentido. Neste hibridismo de linguagens, as obras podem se aproximar mais de uma narrativa poética, desconstruindo as narrativas tradicionais e sua ideia de unidade, construindo narrativas não só pela associação por contiguidade, mas também por similaridade (DAMÉLIO, 2014, p. 41).

Por esse motivo, costuma-se afirmar que algumas tecnologias são estáticas e outras dinâmicas. No entanto, esse conceito se amplia, chegando à afirmação de que tecnologias

estáticas, quando associadas ao pensamento científico, somente podem servir a ele; o mesmo acontecendo para as tecnologias dinâmicas em relação ao pensamento narrativo, pois o homem se utiliza das tecnologias e do conhecimento sobre elas para facilitar a vida ou resolver problemas, ou seja, é a necessidade de solucionar uma questão, unida aos recursos disponíveis, que vai permitir ao homem criar/optar por determinada(s) tecnologia(s).

Assim, o homem é um sujeito capaz de aliar o conhecimento às ferramentas, criando processos simples ou complexos para a subsistência. Ou seja, o que transforma algo em uma tecnologia é o uso que se faz dele.

De fato, a história do homem é pautada nas conquistas tecnológicas. Desde o início dos tempos elas eram usadas e foram primordiais para a sobrevivência da espécie (a criação do fogo, das ferramentas para caçar e lutar) e símbolos de inteligência (a criação da roda e tantas outras tecnologias avançadas).

As tecnologias, aliadas ao impulso de criação do homem, foram essenciais para a evolução humana. As necessidades impostas pela vida fizeram com que o homem buscasse novas alternativas com as próprias mãos. Foi assim que o homem, até então quadrúpede, ao necessitar do uso das mãos para desenvolver as tecnologias, remove-as da função de locomoção, usando-as para criar, levantando-se e deixando para as pernas a função de se mover, tornando-se bípede.

A escolha do termo *processo* (como meio para chegar a determinado objetivo) para os avanços tecnológicos conquistados pelo homem se faz proposital, com o intuito de fugir da relação entre tecnologia e máquina, como se somente a criação de artefatos de caráter tecnológico e de uso prático nas engenharias pudesse dessa forma ser considerado. Ao usar a palavra *processo*, pode-se chegar ao âmago do que vem a ser a tecnologia, que é o processo evolutivo do conhecimento do homem, desde as formas de pensar até as formas de expor pensamentos.

Qualquer tecnologia, estática ou dinâmica, é influenciada pelo comportamento do homem que a cria e do contexto ao qual servirá. Assim, as tecnologias vêm acompanhando o desenvolvimento intelectual do ser humano, ora tendendo para as necessidades mais estáticas, ora para as mais dinâmicas.

O homem moderno, que dispunha tão somente de uma fonte de conhecimento estática e atemporal, deu preferência ao uso do livro.

Com a chegada do *personal computer* (PC), o homem pós-moderno passa a ter mais dinamicidade e fluidez nas informações; e hoje o jovem contemporâneo faz uso *full time* dos smartphones, tendo o mundo na palma da mão.

Hoje em dia, as tecnologias estáticas e dinâmicas encontram-se nos mesmos espaços e vão sendo usadas pelos mesmos sujeitos, como o caso da escrita e dos computadores.

O que os diferencia nesse caso é o uso que cada sujeito faz dessas tecnologias - e, para além do uso, os sentidos que os usuários atribuem às tecnologias. Cada uma dessas tecnologias influencia de forma diferente a mente humana por meio do desenvolvimento dos modos de pensamento: científico e narrativo.

Os padrões de adequação para cada tipo de modo de pensamento têm relação com as características das tecnologias pelas quais são influenciadas.

Logo, o uso das tecnologias tem relação direta com o modo de pensamento escolhido pelo sujeito para lidar com ela. Entretanto, o fato de cada tecnologia privilegiar as características pertinentes a um modo de pensamento específico não significa que possa ser usada apenas de uma forma.

A limitação do uso está no usuário, não na tecnologia em si. Uma tecnologia estática pode ter o uso baseado tanto no pensamento científico como no narrativo, assim como as tecnologias móveis. Não existe regra, ou “via de mão única”. As tecnologias podem se aliar aos diferentes modos de pensamento.

Dessa forma, uma pessoa que faz uso das duas formas de pensamento usará as tecnologias até o máximo que elas podem oferecer, sabendo diferenciar os momentos da vida em que é necessário usar o pensamento narrativo, com visão global da situação, ou optando pelo pensamento científico, quando a situação demandar uma visão específica e maior nível de planejamento.

Contudo, a pessoa que não faça uso pleno dos dois modos de pensamento, por escolha ou por não saber como lidar com o outro tipo de pensamento além do preponderante, ante as situações necessárias (e, no caso tratado neste estudo, das mídias hipertextuais), fará o uso baseado na forma de pensar.

Uma pessoa de pensamento científico, ao utilizar uma tecnologia dinâmica, irá transferir propriedades desse pensamento à tecnologia, fazendo uso estático dela. Da mesma forma, uma pessoa de pensamento narrativo irá transferir suas propriedades ao usar uma tecnologia estática, usando-a de forma dinâmica.

Essa transferência de propriedades de um pensamento para uma tecnologia que diverge em características não impossibilita o uso. Entretanto, muitas vezes criam-se tensões no sentido de que nem sempre essa forma de usar a tecnologia é aceita.

A caracterização das tecnologias como estáticas e dinâmicas já demonstrou ser a primeira relação das tecnologias com os modos de pensamento, que não é única, mas mostra como o uso das tecnologias tem sido feito.

O que se pode afirmar é que o homem, na necessidade provocada pelo pensamento de querer mais, de precisar de novas formas de agir, vai criando as tecnologias, tendo assim a tecnologia total relação com o desenvolvimento e o pensamento humano. E, nessa relação, a tecnologia acaba ganhando propriedades que são inerentes a determinado modo de pensamento. As tecnologias, então, são criadas de forma a servir certo modo de pensamento, fato que não lhe limita o uso.

Para chegar ao âmago da discussão deste trabalho, que consiste no desenvolvimento de inúmeras práticas discursivas na sociedade hipertextual não adequadamente incorporadas pela escola, adota-se a ideia de Bruner da existência de dois modos de pensamento, científico e narrativo, cada um com características que ordenam o tipo de experiência que lhes demandará o uso.

Nesse sentido, o próprio conceito de *leitor* propagado e sedimentado na cultura da Idade Moderna consistia num resultado do desenvolvimento de três tecnologias, que, embora sejam tratadas como episódios distintos, são produtos da geração de sujeitos escolarizados e, portanto, civilizados pela razão.

Quanto à influência das tecnologias hipertextuais no pensamento do homem, Senna (2001) defende que:

Não há como determinar que as tecnologias desenvolvidas pelo homem exerçam influência sobre a estrutura quantitativa do pensamento [...] mas, por outro lado, do ponto de vista qualitativo, as tecnologias não somente podem como, na maioria das vezes, interferem diretamente sobre o pensamento, uma vez que disponibilizam modelos específicos de experiência (SENNA, 2001, p. 37).

Os dois modos de pensamento são diferentes entre si, porém são intercomplementares, já que a existência de um não faz com que o outro deixe de existir e, de acordo com suas características, se complementam. Entretanto, a pessoa escolhe a melhor forma de entender a realidade, elegendo por vezes um modo para cada situação ou, em outras, apenas um modo para todas. Dessa forma, cabe agora analisar os modos de pensamento, começando pelo cartesiano.

O modo de pensamento cartesiano tenta preencher um ideal (a constante busca pelo ideal). É busca por um modelo formulado matematicamente, com possibilidades mínimas de

não dar certo, por isso nasce a partir de dados categorizados, descritos e explicados, com o intuito de criar um protótipo infalível. Seu arsenal de conectivos inclui do lado formal ideias como a de conjunção e disjunção, hiperonímia e hiponímia, implicação escrita e os dispositivos pelos quais as proposições gerais são extraídas de afirmações em seus contextos particulares.

De maneira geral, o modo cartesiano trata de causas genéricas, a utilização de procedimentos inclui uma categoria infalível, um princípio ativo cujos resultados já foram avaliados e cuja verdade sobre esses resultados é tida como certa

Há muita coisa dita e escrita sobre o modo de pensamento cartesiano, e, ao longo de milênios, poderosas tecnologias têm sido desenvolvidas a partir dele para ajudar a executar o trabalho: lógica, matemática, ciências e autômatos para operar nesses campos, de modo tão suave e veloz quanto possível. A aplicação imaginativa do modo paradigmático leva à boa teoria, à análise profunda, à prova lógica, ao argumento legítimo e à descoberta empírica guiada por hipóteses racionais.

A ciência, sobretudo a física e a teórica, também procede construindo mundos de um modo comparável, “inventando” os fatos (ou mundo) contra os quais a teoria deve ser testada. De tempos a tempos, ocorrem momentos de testes, quando, por exemplo, pode-se mostrar que a luz é curva ou que os neutrinos deixam marcas em uma câmara de neblina. Pode ser verdade que a física seja 99% especulação e 1% observação, mas a criação do mundo envolvido em especulações é de uma ordem diferente da criação que faz histórias. A física deve acabar predizendo algo que é comprovadamente certo, não obstante o quanto possa especular. Já as histórias não têm tal necessidade de comprovação.

A credibilidade em uma história é de ordem diversa da credibilidade mesmo das partes especulativas da física teórica. Ao aplicar o critério de Popper da falseabilidade a uma história como um teste de valor, estaremos errando pela avaliação descontextualizada. Para Popper, é necessário o enunciado poder ser *testado empiricamente*, não pela verificabilidade, mas pela falseabilidade. Dessa forma, fica, pensamos, claramente derrubado, mais uma vez, o mito da verdade científica, sobretudo pela insuficiência de métodos, o que deve nos levar à reflexão acerca das soluções científicas tão propaladas e não perder de vista que elas são sempre *provisórias* (MEIRELLES, 2017, s/p).

Outro motivo para trilhar esse caminho é o fato de que a atividade mental humana depende, para expressão completa, de estar ligada a um conjunto de ferramentas culturais (um conjunto de suportes digitais, por assim dizer). Então, seria aconselhável que, ao estudar a atividade mental, se levassem em conta os instrumentos empregados naquela atividade. Como

os primatologistas dizem, essa amplificação pelas ferramentas culturais é a marca das habilidades humanas que em alguns momentos são desconsideradas em diversas investigações.

De forma semelhante, isso ocorre ao estudar o trabalho de escritores competentes e talentosos, caso se pretenda entender o que torna as boas histórias poderosas ou convincentes. Qualquer um (em quase todas as idades) pode contar uma história, e é muito bom que os chamados “gramáticos de histórias” estejam estudando a estrutura mínima necessária para criar uma história. E qualquer pessoa (mais uma vez, em quase todas as idades) pode “fazer” alguma matemática.

Mas a grande ficção (assim como a grande matemática) requer a transformação de intuições em expressões num sistema simbólico: linguagem natural ou alguma forma artificial da mesma.

As formas de expressão que surgem, o discurso que carrega a história ou o cálculo que descreve a relação matemática são cruciais para a compreensão das diferenças entre um relato incompleto de um mau casamento e *Madame Bovary*, entre uma justificativa como argumentos desajeitados e uma derivação elegante e poderosa de uma prova lógica. Os teóricos literários certamente acharão o assunto quase bizarramente óbvio.

De modo específico, a amplificação das ferramentas culturais está sendo completamente desconsiderada pela instituição escolar e, de forma mais preocupante ainda, pela universidade, celeiro de investigações e estudos precursores, que ainda não reconhece as mídias hipertextuais como suportes digitais desta era em que vivemos, a era móvel/móvel, a era do suporte de tela(s) em vez do caderno e do *e-book* em vez do livro impresso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse estudo foi possível constatar que na maioria das vezes, a eleição de uma tecnologia para determinada situação vem com a intenção de privilegiar dado modo de pensamento correspondente a ela, ou seja, que tenha propriedades semelhantes, e a tomada de outro caminho, usando outro modo de pensamento, pode não ser aceita, o que poderá contribuir para caracterizar os comportamentos manifestos pelo aluno contemporâneo.

Tornar o pensamento narrativo um fenômeno legítimo pelo professor foi o objetivo deste estudo, bem como uma produção textual construída nessa base. Sempre se acreditou que, vencida a barreira do preconceito, o professor universitário talvez deixe de olhar o

estudante como ilegítimo na civilização científica e assume a tarefa de levá-lo a construir-se ao longo do letramento a partir do próprio mundo cotidiano.

O intuito de levar a universidade a legitimar o modo de pensamento narrativo, no que tange à produção de textos do estudante universitário, tem obstáculos a serem vencidos, um deles é que a formação e a prática pedagógica do professor universitário se dão amparadas em artefatos científicos, especialmente livros e outros materiais didáticos. Logo, fica claro que há muito a fazer, já que as mudanças acontecem a partir das pessoas, não das instituições, pois estas não agem, quem age são pessoas, neste caso, os professores universitários, que terão de despir-se de muitos preconceitos e práticas pedagógicas preconcebidas ao conhecerem e reconhecerem quem são os alunos.

## REFERÊNCIAS

BRUNER, J. **Cultura da educação**. Lisboa: Casagraf Artes Gráficas, 2001.

DAMÉLIO, H. **Narrativas em hipermídia e tipos de interação**. 2014. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-24112014-105059/pt-br.php>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

LANDOW, G.P. Hipertext: the convergence of contemporary critical theory and technology. In: History of the Concept of Hipertext, 1992. Disponível em: <<http://www.cyberartsweb.org/cpace/ht/jhup/history.html#1>>. Acesso em: 17 mai. 2016.

LAKATOS, E, M. MARCONI, E, L. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo. Atlas 2003.

MEIRELLES, L. Karl Popper, a questão do método científico e seus critérios. Centro de Estudos Filosóficos de Santos (CEFS). Disponível em <<http://www.paradigmas.com.br/index.php/revista/edicoes-11-a-20/edicao-11/208-karl-popper-a-questao-do-metodo-cientifico-e-seus-criterios>>. Acesso em 26 mar. 2017.

RODRIGUES, N. **Glórias e misérias da razão**: deuses e sábios na trajetória do mundo ocidental. São Paulo. Cortez 2003.

SENNA, L.A.G. O perfil do leitor contemporâneo. **Anais do SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 2001. Cianorte. Anais. Cianorte: UEM, 2001. V1. p. 2286 – 2289.

SENNA, L.A.G. **Processos educacionais**: os lugares da educação na sociedade contemporâneos. Cap. I. **Letramento: Princípios e Processos**. Curitiba: IBPEX, 2007.